



DAIANA RAMOS MARTINS



**Mampituba
Lendas**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Daiana Ramos

Mampituba : lendas / Daiana Ramos Martins. --
Mampituba, RS : Ed. da Autora, 2024.

ISBN 978-65-01-23802-9

1. Folclore 2. Lendas 3. Mitologia - Brasil
I. Título.

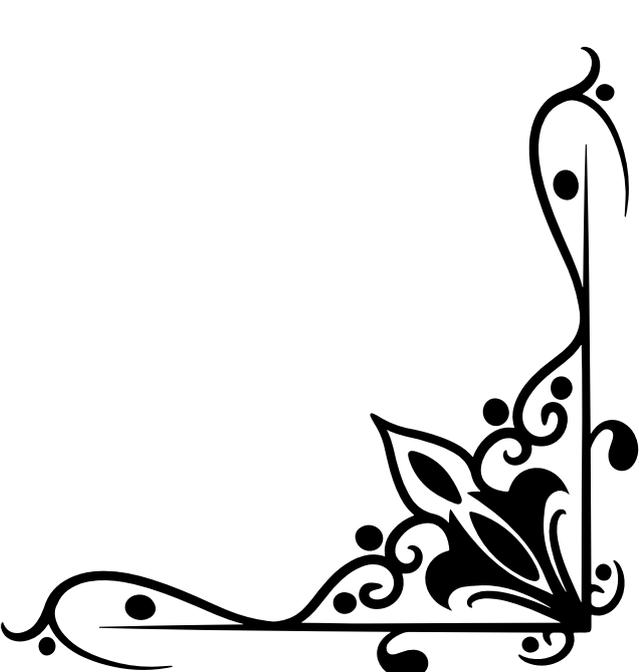
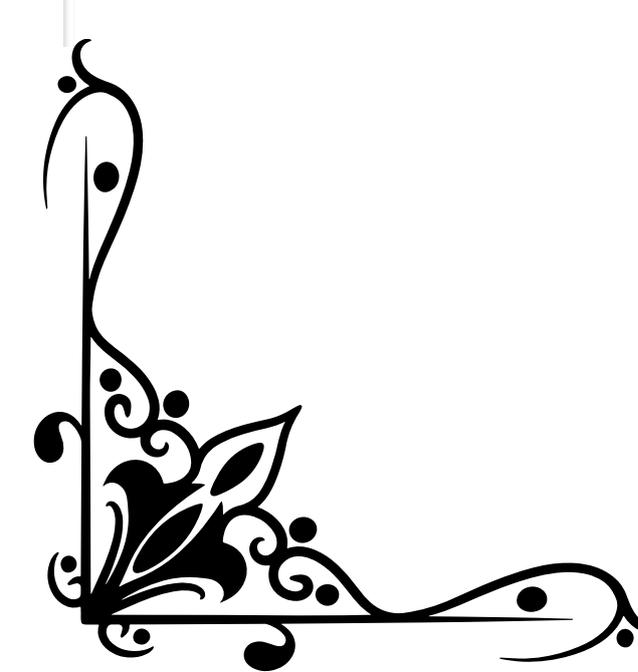
24-240044

CDD-398.22

Índices para catálogo sistemático:

1. Lendas : Literatura folclórica 398.22

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



PREFÁCIO

Este livro nasce de uma vontade de preservar e compartilhar as tradições e lendas culturais do nosso município. Sou professora de projetos na Escola Demétrio Alves Fogaça, localizada na Roça da Estância, e tive a oportunidade de trazer essas lendas para meus alunos. O primeiro passo foi buscar obras que registrassem a história local, e encontrei dois livros escritos por Gloreci Ramos, uma mulher que lutou muito pelo nosso município, mas a pesquisa das lendas do livro foi realizada pela Prof. Josiane Da Silva Ramos Lima no seu trabalho de conclusão de curso da graduação de Letras Português e Literatura. As lendas presentes no primeiro capítulo foram retiradas de uma dessas obras, e eu as reescrevi com um toque de fantasia e entusiasmo, mantendo a essência original.

Após reestruturar 10 lendas, percebi que o município tinha muito mais a oferecer. Convidei, então, meus alunos do 5º ano de 2024 para me ajudar na pesquisa. Eles entrevistaram seus avós e familiares, trazendo novas histórias. Com isso, realizamos um seminário de lendas na escola, e, com a ajuda dos alunos dedicados da Escola Demétrio Alves Fogaça, redigimos o segundo capítulo do livro. Cada lenda vem acompanhada do nome do aluno pesquisador, em reconhecimento ao seu empenho. Após reescrevi com pouco de enredo e fantasia para realizar o livro.

Ainda insatisfeita, busquei o turismólogo do nosso município, que já trabalhava na Secretaria de Turismo Juninho Nascimento. Ele me apresentou a moradores que também conheciam outras lendas. As histórias contadas por eles formam o terceiro capítulo do livro, e seus nomes estão registrados no final de cada lenda, pois o conhecimento que carregam foi passado de geração em geração.

Este será publicado em versão física e online, para que o maior número possível de pessoas possa conhecer e valorizar nossas raízes. Sinto-me feliz e honrada por ser uma moradora de Mampituba. Nascida e criada aqui até os 11 anos, voltei aos 25, após estudar e me formar. Hoje, tenho a oportunidade de contribuir para a construção deste livro, o primeiro de muitos.

SUMÁRIO

Capítulo I: Lendas da pesquisa da Autora Daiana.....	5
Lenda da Bruxa de Mampituba.....	6
A Casa dos Martelos Mágicos.....	8
O Cavaleiro Fantasma da Lomba da Cruz.....	10
A Carroça Misteriosa.....	12
O Lobisomem e o Valente de Mampituba.....	14
O Mistério do Rio Morto e o Lobisomem do Engenho.....	16
A História de Silveirão e a Égua Ventana.....	18
Capítulo II: Lendas que os alunos trouxeram de seus familiares escola 5º ano 2024 Demetrio Alves Fogaça.....	20
Enchente de 1974 na Vila Brocca.....	21
História do Silveirão.....	23
A Lenda do Rio Mampituba.....	25
A lenda do Boi e da bola de fogo.....	27
A Lenda do Poço da Moça.....	29
A Lenda da Curva do Burro.....	31
O Mistério das bolas de fogo no Morro Bicudo.....	33
Lenda da menina da vila Brocca.....	35
Capítulo III: Moradores de Mampituba.....	37
Lenda do Acampamento.....	38
A Lenda da Noite Tempestuosa.....	39

Capítulo I
Lendas da pesquisa da
Autora Daiana

LENDA DA BRUXA DE MAMPITUBA



A Lenda da Bruxa de Mampituba

Há muito tempo, quando Mampituba ainda nem tinha esse nome, dizem que viviam bruxas na região. Eram criaturas misteriosas e temidas, que se alimentavam do sangue das crianças, deixando-as fracas e pálidas. As mães da comunidade contavam que as bruxas vinham à noite, escondidas pela escuridão, para atacar os pequenos enquanto dormiam. Em uma dessas famílias, vivia uma criança que vinha sofrendo com os estranhos ataques. A cada dia, ficava mais magra e cansada, sem que ninguém conseguisse entender o motivo. Desesperados, os pais começaram a procurar ajuda por toda parte, até que um velho sábio da comunidade contou sobre uma simpatia antiga que poderia afastar a bruxa de vez.

A simpatia consistia em colocar uma tigela de sal debaixo da cama da criança e, ao amanhecer, jogá-lo em uma encruzilhada. Segundo o sábio, o sal cortaria a língua da bruxa, impedindo-a de fazer mais mal. Com esperança, a família realizou o ritual.

E, para surpresa de todos, a criança começou a melhorar. A cor voltou às suas bochechas, e sua energia parecia se renovar a cada dia. Mas, então, algo inesperado aconteceu. A avó materna da criança, que morava em uma colina distante, de repente adoeceu gravemente. Quando a família foi visitá-la, encontrou a pobre senhora vomitando sangue, e, ao examiná-la, descobriram que sua língua estava cortada.

Foi aí que as peças do quebra-cabeça se encaixaram. A avó, sempre tão carinhosa e gentil, era, na verdade, a bruxa disfarçada! Ela havia escondido sua verdadeira natureza por anos, mas o poder da simpatia revelou seu segredo.

No entanto, essa não é uma história de terror, mas sim uma lição sobre amor e proteção. Dizem que, depois desse acontecimento, as bruxas desapareceram da região, e Mampituba se tornou um lugar seguro para todas as crianças. O velho sábio ensinou à comunidade que o verdadeiro poder está no amor e no cuidado que temos uns pelos outros. E assim, a lenda da bruxa de Mampituba foi transformada em uma história sobre a importância de proteger quem amamos e de acreditar na magia do bem.

Hoje, as crianças de Mampituba ouvem essa lenda e sabem que, quando estão cercadas pelo amor de suas famílias, nada de mal pode lhes acontecer, pois o poder do bem sempre vence no final.

A CASA DOS MARTELOS MÁGICOS



A Casa dos Martelos Mágicos

Há muitos e muitos anos, em Mampituba, existia uma casinha muito especial. Ela ficava bem perto do terreno onde hoje está a caixa d'água da comunidade Rio de Dentro. As crianças da vila a chamavam de "A Casa dos Martelos Mágicos" porque, durante a noite, diziam que a casa ganhava vida e fazia sons estranhos, como se alguém estivesse martelando lá dentro.

Os moradores antigos contavam que várias famílias tentaram morar na casinha, mas todas tinham que ir embora por causa dos barulhos misteriosos. Sempre que apagavam as velas para dormir, ouviam "toc, toc, toc!" Parecia que martelos invisíveis estavam batendo nas paredes!

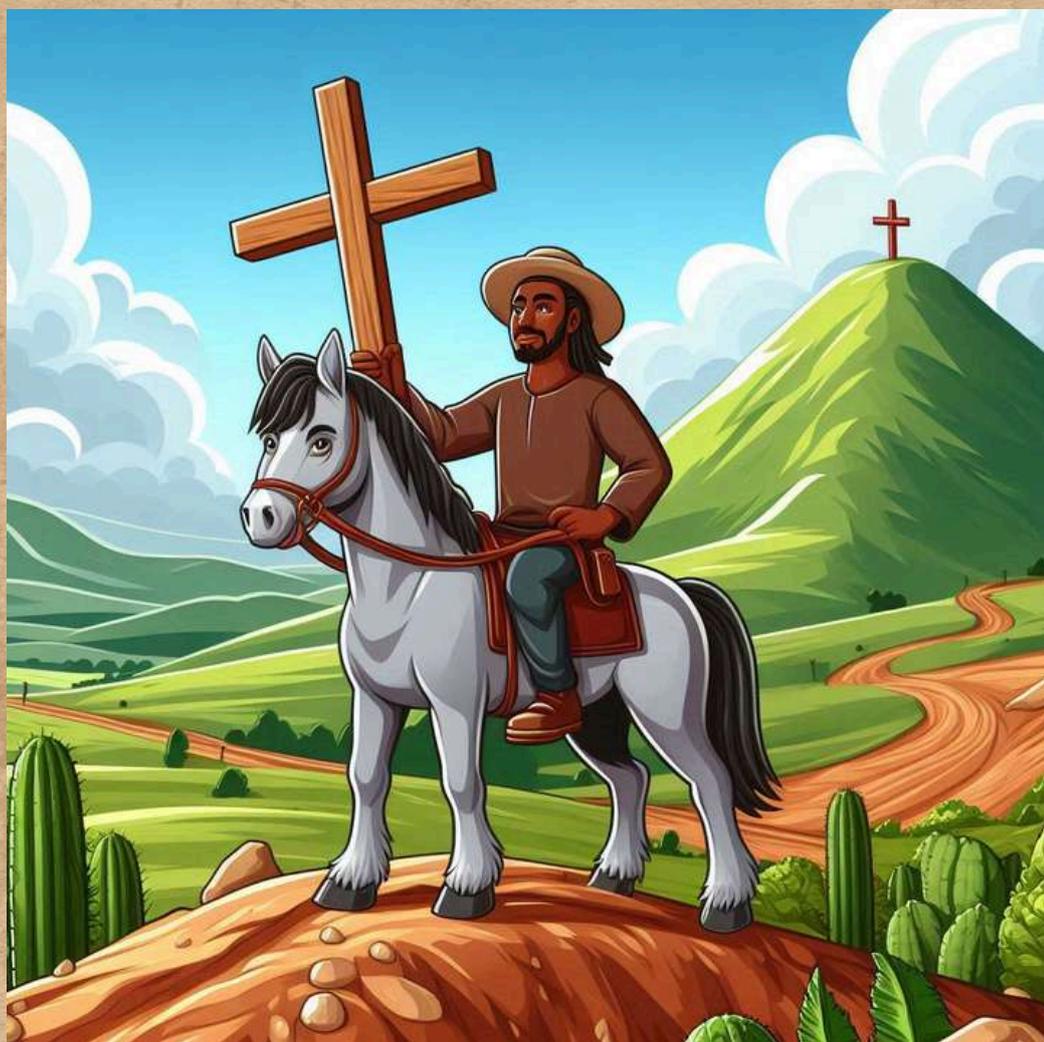
Certo dia, um menino curioso chamado Pedro decidiu ir descobrir o que estava acontecendo na casa. Ele pediu permissão aos pais e, com uma lanterna em mãos, entrou na casinha ao cair da noite. Pedro não tinha medo, só queria desvendar o mistério.

Quando o silêncio da noite tomou conta, lá estava o som: "toc, toc, toc!" Pedro seguiu o barulho até o sótão, onde encontrou algo surpreendente! Lá em cima, pequeninas criaturas, parecidas com duendes, estavam ocupadas construindo móveis mágicos. Os martelinhos que usavam eram brilhantes como estrelas e tinham o poder de criar coisas maravilhosas. Mas as criaturinhas eram tão tímidas que só trabalhavam à noite, quando ninguém estava olhando.

Pedro ficou encantado e prometeu guardar o segredo das criaturas. Ele voltou para casa e contou a todos que a casinha não era mal-assombrada, mas sim, mágica. A partir daquele dia, a Casa dos Martelos Mágicos se tornou um lugar de histórias e fantasias para todas as crianças de Mampituba. Ninguém mais teve medo de lá, e todos sabiam que, durante a noite, os duendes continuavam a trabalhar, criando coisas incríveis para quem acreditasse na magia.

E assim, a lenda da casa mal-assombrada virou a história encantada da casa dos martelos mágicos, onde a imaginação de uma criança pode transformar qualquer medo em pura magia.

CAVALEIRO
FANTASMA E A
LOMBA DA CRUZ



O Cavaleiro Fantasma da Lomba da Cruz

Há muitos anos, na pacata cidade de Mampituba, aconteceu algo misterioso na estrada entre Rio de Dentro e Roça da Estância. Um jovem cavaleiro, conhecido por sua coragem e amor por aventuras, cavalgava alegremente quando, de repente, um caminhão descontrolado surgiu na estrada. Nos últimos instantes, seu fiel cavalo, chamado Estrela, relinchou alto e inclinou-se nas patas traseiras, derrubando o cavaleiro para salvar sua vida. Infelizmente, o caminhão passou, e o cavaleiro não resistiu ao acidente.

Desde aquele dia, o lugar ficou conhecido como "Lomba da Cruz", e os moradores, em memória ao corajoso jovem, ergueram uma cruz no local. Mas o que aconteceu depois foi ainda mais surpreendente. Dizem que, nas noites de lua cheia, se você passar pela Lomba da Cruz e prestar muita atenção, poderá ver o barulho do jovem cavaleiro montado em Estrela, cavalgando pelo campo.

Mas essa não é uma história de medo, é uma história de esperança. As crianças adoraram a ideia de que o jovem e seu cavalo estivessem juntos para sempre, protegendo a estrada e os viajantes. Tanto que, ao passar pelo local, elas faziam pedidos e promessas, acreditando que o cavaleiro fantasma, com seu cavalo mágico, poderia ouvir e realizar seus desejos.

O que poucos sabiam é que o jovem cavaleiro e Estrela, em sua forma fantasmagórica, estavam ali para garantir que ninguém mais sofresse acidentes naquele trecho da estrada. Com suas risadas mágicas e galopadas leves, eles afastaram qualquer perigo, transformando a Lomba da Cruz em um lugar de segurança e magia.

E assim, a história do cavaleiro e seu cavalo se tornou uma lenda querida em Mampituba. As crianças adoravam contar que, se você for corajoso o suficiente para passar pela Lomba da Cruz à noite, o cavaleiro fantasma pode aparecer e conceder um desejo a quem acreditar na força da amizade e da magia. E quem sabe, um dia, ao caminhar por lá, você também possa ver o brilho da crina de Estrela iluminando o caminho.

A CARROÇA MISTERIOSA



A Carroça Misteriosa

Em Mampituba, os mais velhos sempre contavam sobre uma lenda antiga que fascinava as crianças da comunidade, a lenda da Carroça Misteriosa. Diziam que, em certas noites, quando o vento soprava mais forte e as estrelas brilhavam pouco no céu, um homem misterioso passava rapidamente pelas estradas em uma carroça velha. O barulho que ela fazia era tão alto que ecoava por toda a região, despertando até os mais profundos sonhadores.

Mas essa não era uma carroça comum. Sua passagem significava algo importante para a comunidade. Diziam que, se alguém ouvisse o som estridente da carroça, isso anunciava sete anos de “vacas magras” — um período de dificuldades e escassez. Por outro lado, se a carroça não aparecesse, era um sinal de que sete anos de fartura e alegria estariam por vir.

As crianças de Mampituba, com suas mentes curiosas, adoravam imaginar como seria a carroça e o homem misterioso que a guiava. Algumas diziam que ele era um velho sábio, testando a bondade das pessoas; outras acreditavam que a carroça era mágica, carregando sementes de sorte ou azar, dependendo do seu humor.

Certo dia, um menino chamado Tiago, decidido a desvendar o mistério, ficou acordado a noite toda, esperando pela carroça. Quando o relógio bateu meia-noite, Tiago ouviu o som distante de rodas rangendo. Ele correu até a estrada e, para sua surpresa, viu uma carroça velha se aproximando, guiada por um homem de barba branca e olhos brilhantes.

Tiago, com coragem, acenou para o homem, que parou a carroça e sorriu. O homem misterioso lhe disse: “O destino de Mampituba depende dos corações das pessoas. Se são generosos e bondosos, a carroça trará prosperidade. Mas se há egoísmo e ganância, ela anunciará tempos difíceis.”

Com essa mensagem, o homem desapareceu tão rapidamente quanto havia chegado, e Tiago correu para contar a todos o que havia acontecido.

Desde então, as crianças de Mampituba aprenderam que o som da carroça não era apenas um sinal de sorte ou azar, mas um lembrete de que a bondade e a generosidade de cada um podia mudar o destino de todos. E assim, a lenda da Carroça Misteriosa passou a ser contada não com medo, mas com a esperança de que, juntos, todos poderiam garantir tempos de fartura para a comunidade.

O LOBISOMEM E O VALENTE DE MAMPITUBA



O Lobisomem e o Valente de Mampituba

Há muito tempo, em Mampituba, os moradores vivem apreensivos sempre que uma sexta-feira 13 se aproximava. Contavam que, nas noites escuras e misteriosas dessa data, uma criatura metade homem, metade lobo — o temido Lobisomem — rondava a estrada geral, atacando aqueles que por ali passavam. O simples rumor de sua aparição fazia com que todos se recolhessem cedo, trancando portas e janelas.

Mas, em uma dessas vezes, um homem valente da vila decidiu que já era hora de acabar com o medo que assombra Mampituba. Ele armou uma emboscada na estrada, determinado a enfrentar a fera e trazer paz aos seus vizinhos. Com coragem no coração e um pesado bastão em mãos, ele esperou pela criatura.

Quando a noite caiu e o silêncio tomou conta, o Lobisomem surgiu entre as sombras, com seus olhos brilhantes e garras afiadas. Mas, antes que pudesse atacar, o homem valente golpeou a cabeça da criatura com toda a sua força! O Lobisomem uivou de dor, sangue escorrendo de sua testa, e rapidamente fugiu em direção à mata, desaparecendo na escuridão.

No dia seguinte, para a surpresa de todos, um homem da vila, conhecido por ser reservado e solitário, apareceu machucado, com um corte profundo na testa. As crianças começaram a cochichar: “Será que ele era o Lobisomem?” Mas, em vez de temer, os pequenos começaram a criar histórias mágicas sobre como o poder do amor e da amizade poderia curar até o mais terrível dos monstros.

As crianças imaginavam que, ao ferir o Lobisomem, o valente havia quebrado uma maldição antiga. Diziam que o homem solitário era, na verdade, um bom morador que tinha sido transformado em Lobisomem por um feitiço. E, agora, com a ajuda de todos, ele poderia se curar de vez.

Desde aquele dia, o Lobisomem nunca mais apareceu em Mampituba. E as crianças passaram a brincar na estrada geral sem medo, acreditando que o homem solitário, que antes era o Lobisomem, estava livre da maldição e protegido pelo poder da bondade e da coragem que existia em cada um deles.

E assim, a lenda do Lobisomem deixou de ser uma história de terror e passou a ser uma história sobre como a bravura, a amizade e a esperança podem transformar até as criaturas mais assustadoras em amigos de todos.

O MISTÉRIO DO RIO
MORTO E O
LOBISOMEM DO
ENGENHO



O Mistério do Rio Morto e o Lobisomem do Engenho

Em uma noite chuvosa, enquanto voltava do hospital em Jacinto Machado para sua casa em Mampituba, o Sr. Ari José dos Santos teve uma experiência inesquecível. Ao passar pelo Rio Morto, viu algo surpreendente: uma bola de fogo brilhante dançava sobre a grama do potreiro. Com os olhos arregalados de medo, ele observou a bola de fogo rodopiar no chão antes de subir ao céu e permanecer lá, iluminando a escuridão. Os antigos diziam que essa bola de fogo marcava a presença de um tesouro escondido — talvez um baú de ouro enterrado há muito tempo!

Mas as aventuras do Sr. Ari não pararam por aí. Em outra ocasião, ele estava ajudando seu cunhado a consertar uma tina de cachaça no estabelecimento do Sr. Kide Ventura. Quando voltou para casa à noite, montado em seu cavalo, viu uma figura assustadora na direção do morro. O cavalo, com medo, se recusou a seguir em frente e saiu correndo por dentro de um bananal, como se tentasse fugir daquela aparição misteriosa.

Depois de muito esforço, o Sr. Ari conseguiu acalmar o cavalo e voltar ao caminho, mas o mistério continuou. Intrigado e um pouco assustado, ele decidiu passar na casa de seu Tio Vergílio, que era conhecido por suas histórias sobre o lobisomem. Diziam que o neto de Vergílio tinha o estranho hábito de roer farelo de farinha no engenho, e muitos suspeitavam que ele fosse o lobisomem da região.

Certo dia, Vergílio decidiu preparar uma armadilha. Com uma ponta de prego, ele esperou na sanga do Sedro, pronto para descobrir a verdade. De repente, um porco passou por ele, e Vergílio, sem hesitar, atacou. Mas, para sua surpresa, o porco se transformou no neto dele!

O rapaz foi levado para casa, e ao acordar, ficou furioso com o avô por ter descoberto seu segredo. As crianças de Mampituba adoravam ouvir essa história, imaginando como um simples porco podia se transformar em um lobisomem. Mas, em vez de temer, elas aprendiam que o amor e a coragem da família eram mais fortes que qualquer maldição.

A lenda do lobisomem e da bola de fogo passou a ser contada como uma história cheia de magia e mistério, onde os tesouros da imaginação eram tão valiosos quanto o ouro escondido. E assim, as noites em Mampituba se tornaram menos assustadoras e muito mais cheias de aventuras para as crianças, que sonhavam em um dia descobrir seus próprios mistérios na mata.

HISTÓRIA DE SILVEIRÃO E A ÉGUA VENTANA



A História de Silveirão e a Égua Ventana

Há muitos anos, em uma fazenda cercada por colinas e pastos verdes, vivia um homem valente, pai do Sr. Oderico. Ele cuidava com carinho de suas mulas e de um cachorro leal chamado Silveirão. Certo dia, enquanto reunia sua tropa de mulas na mangueira, percebeu que uma égua ventana, selvagem e teimosa, e uma mula não queriam se juntar ao resto da tropa. Ao invés disso, elas fugiram, galopando em direção ao aparado de serra, onde se escondiam entre as árvores.

Determinado a trazê-las de volta, o pai do Sr. Oderico seguiu as fugitivas com Silveirão ao seu lado. Enquanto desciam a colina, ele começou a ouvir sons estranhos, como o barulho de uma mudança se aproximando: burros orneando, crianças chorando, e outros ruídos misteriosos. Mas ele sabia que aquilo não era real, era apenas uma ilusão, como se a serra estivesse brincando com ele.

Com uma pistola de dois canos em mãos, conhecida como "dente de ouro", o pai do Sr. Oderico decidiu que precisava parar a égua, que sempre causava problemas. Ele subiu em uma lombada, mirou, e quando estava prestes a disparar, Silveirão, fiel e protetor, saltou na frente para salvar a égua. A bala acabou atingindo o peito do cachorro, que caiu no chão.

Tomado pela culpa e tristeza, o homem deitou Silveirão com cuidado ao lado de um raizeiro, onde o cachorro podia descansar. Com o coração pesado, ele retornou para casa, ainda ouvindo os sons da mudança que nunca existiu. Ao chegar, percebeu que não havia nada — nenhum sinal de mudança, nenhum burro, nem crianças chorando.

As crianças de Mampituba passaram a ouvir essa história com os olhos cheios de curiosidade. Elas aprendiam que Silveirão, o valente cachorro, tinha dado sua vida para proteger aqueles que amava, mesmo que fosse uma égua selvagem. E sempre que alguém passava pelo aparado de serra, onde o vento sussurrava nos galhos, lembrava-se do sacrifício de Silveirão, o herói de quatro patas, que transformou uma história triste em uma lenda sobre amizade e lealdade.

E assim, nas noites tranquilas, as crianças se deitavam com a certeza de que, na serra, onde a magia ainda existia, Silveirão estava lá, cuidando para que todos estivessem seguros e protegidos.

História da menina que sempre permaneceu com seu coração em Mampituba.

Capítulo II
Lendas que os alunos trouxeram
de seus familiares escola 5º ano
2024
Demetrio Alves Fogaça

ENCHENTE DE 1974 NA VILA BROCCA



A Enchente de 1974 na Vila Brocca

Em 1974, a pequena comunidade da Vila Broca, que contava com aproximadamente 40 moradores, viveu um dos momentos mais trágicos de sua história. Localizada em uma área de baixada, a vila era composta por um posto de saúde, um mercadinho, uma igreja e uma borracharia, além das casas simples de seus moradores. Tudo corria normalmente até que, após dias de chuvas intensas, a situação começou a se agravar, trazendo apreensão para os habitantes.

Com o aumento constante do nível da água, alguns moradores, já preocupados com a possibilidade de uma enchente, decidiram sair de suas casas preventivamente. No entanto, muitos ainda acreditavam que a situação se normalizaria e permaneceram em suas residências. As horas passaram, e a chuva não deu trégua. A água invadiu as ruas e as casas, subindo rapidamente até se transformar em uma correnteza devastadora, que alcançou cerca de três metros de altura.

Desesperados, os moradores buscaram refúgio na igreja, o único local que parecia seguro naquele momento de calamidade. Alguns subiram para o telhado, na tentativa de escapar da fúria das águas. O tempo parecia não passar, e o medo dominava os corações de todos que se amontoavam em busca de abrigo. Após horas de tensão e incerteza, a enchente começou a recuar lentamente, deixando um rastro de destruição e tristeza.

O saldo da tragédia foi devastador: cerca de dez pessoas perderam a vida, arrastadas pela correnteza. Casas e comércios foram destruídos, e muitos moradores perderam tudo o que tinham. Sem condições de recomeçar, a maioria das famílias decidiu deixar a Vila Brocca, mudando-se para outras cidades em busca de novas oportunidades e segurança.

A comunidade, que antes era vibrante e unida, se viu reduzida a apenas cinco moradores que, apesar das adversidades, decidiram permanecer. Hoje, eles vivem em paz e harmonia, mantendo viva a memória de um lugar que, apesar das perdas, carrega a história e a resistência de um povo que sobreviveu a uma das maiores enchentes já registradas na região.

A enchente de 1974 marcou a Vila Brocca para sempre, sendo lembrada como um episódio de dor, superação e transformação. Apesar de todas as dificuldades, os sobreviventes da vila continuam a se apoiar mutuamente, mantendo a chama da esperança acesa, e honrando a memória daqueles que se foram.

HISTÓRIA DO SILVEIRÃO



A História do Silveirão

A história do Silveirão é uma lembrança antiga, passada de geração em geração, que envolve o pai do senhor Oderico em uma situação inusitada e repleta de mistério. Silveirão era um homem simples, acostumado à lida do campo, e naquele dia, como de costume, estava às voltas com seus afazeres. Ele precisava capturar uma égua e uma mula rebeldes que haviam fugido do cercado, e para isso, contava com a ajuda de seu fiel companheiro, um cachorro corajoso e leal.

Enquanto perseguiam os animais pelos campos, Silveirão começou a ouvir sons estranhos que ecoavam pela mata ao redor. Eram barulhos que pareciam ser de pessoas chorando, gritos distantes e uivos de animais. O som era perturbador e parecia vir de todos os lados. Apesar do susto, Silveirão sabia que a floresta era cheia de armadilhas para os ouvidos e que muitas vezes, os sons que se ouviam não passavam de ilusões, ecos perdidos do passado ou apenas o vento brincando entre as árvores.

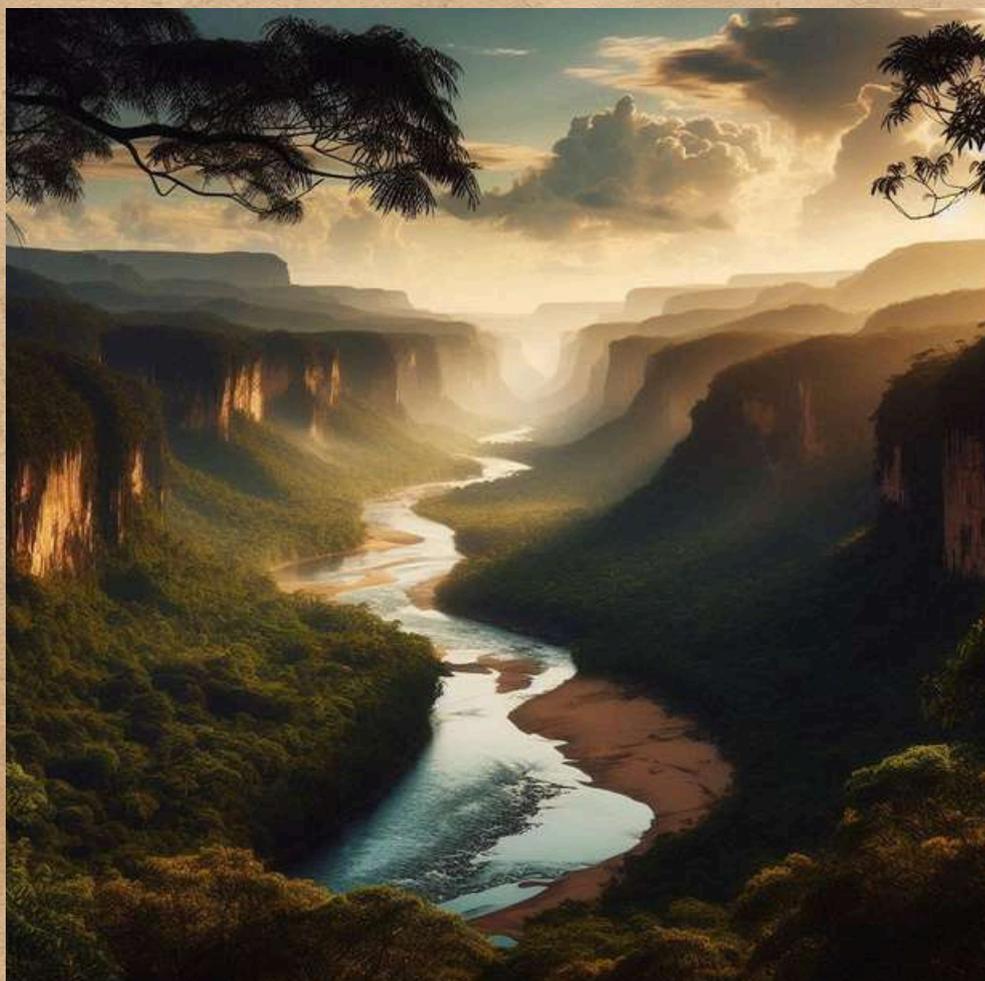
Determinado a capturar os animais, Silveirão tentou se concentrar na tarefa. Com a pistola em mãos, ele planejava disparar para assustar a égua e a mula, forçando-as a retornarem ao cercado. No entanto, no momento em que se preparou para atirar, o cachorro, leal até o fim, saltou na frente dos animais para protegê-lo. Infelizmente, no calor do momento, Silveirão disparou acidentalmente e atingiu seu próprio cão no peito.

A cena foi devastadora. Silveirão, tomado pela tristeza e pelo peso da culpa, pegou o cachorro em seus braços e o levou até uma grande árvore, onde decidiu dar-lhe um descanso digno. Com lágrimas nos olhos, ele cavou um pequeno buraco e ali enterrou seu fiel amigo, que tantas vezes o acompanhou pelas trilhas da vida. Era um adeus doloroso, mas necessário.

Mesmo com o coração pesado e a dor da perda, Silveirão sabia que precisava voltar para casa. Ao longo do caminho, os estranhos sons continuavam a ecoar pela floresta, como se estivessem lamentando junto com ele. Chegando em sua casa, Silveirão sentiu o silêncio que agora preenchia o espaço vazio deixado pelo seu companheiro. Ele nunca mais esqueceria aquele dia, marcado pela perda e pelos mistérios que cercavam a mata.

Com o passar do tempo, a história do Silveirão e de seu fiel cachorro se tornou uma lenda na região. Muitos dizem que, nas noites de lua cheia, ainda é possível ouvir os sons estranhos que assombraram Silveirão naquele dia. Para alguns, é apenas o vento; para outros, é o espírito do cachorro que ainda vigia a floresta, fiel ao seu dono até o fim.

A LENDA DO RIO MAMPITUBA



A Lenda do Rio Mampituba

Há muito tempo, antes de as cidades se formarem ao redor do Rio Mampituba, um indígena habitava suas margens. Os índios acreditavam que o rio era sagrado e que suas águas guardavam os espíritos dos antepassados. Eles realizavam rituais e oferendas para honrar essas almas e garantir a proteção do lugar. O rio era visto como um símbolo de vida e força espiritual, essencial para a harmonia da tribo com a natureza.

Certa vez, uma jovem indígena chamada Yara, conhecida por sua curiosidade e coragem, decidiu explorar as profundezas da floresta ao lado do Mampituba. Enquanto caminhava pelas margens do rio, encontrou um velho xamã que a advertiu: "Cuidado com as águas do Mampituba, pois nelas reside a força dos espíritos. Se você desrespeitar o rio, poderá despertar sua fúria." Intrigada, Yara ignorou o aviso do xamã, confiante de que sua curiosidade não lhe traria perigo.

Decidida, Yara mergulhou nas águas cristalinas do rio, explorando suas profundezas. Durante o mergulho, ela avistou um brilho intenso no fundo do Mampituba. Sem hesitar, nadou em direção à luz e encontrou uma bela pérola que emanava um brilho radiante. Fascinada, Yara pegou a pérola em suas mãos, encantada com sua beleza. No entanto, ao retirá-la do fundo do rio, as águas começaram a se agitar violentamente, e os espíritos ancestrais despertaram em forma de uma névoa densa que cobriu o rio.

Os espíritos, furiosos, apareceram diante de Yara e a repreenderam: "Você quebrou a harmonia entre o homem e a natureza. Para reparar seu erro, deve devolver a pérola ao fundo do rio e realizar um ritual de agradecimento." Assustada e arrependida, Yara imediatamente devolveu a pérola ao rio e, com o coração aflito, realizou suas preces, pedindo perdão aos espíritos.

Para sua surpresa, os espíritos aceitaram seu pedido de desculpas e, em sinal de reconciliação, concederam à tribo prosperidade e abundância em suas colheitas. Desde então, os habitantes da região passaram a respeitar o Mampituba como um símbolo sagrado de vida e proteção. A lenda de Yara foi transmitida de geração em geração, ensinando a importância de respeitar a natureza e seus seres.

Até hoje, a história de Yara é contada para lembrar a todos que o equilíbrio entre o homem e o meio ambiente deve ser preservado, e que o desrespeito aos elementos naturais pode trazer consequências imprevisíveis. A lenda do Rio Mampituba é uma lição eterna sobre a conexão entre a humanidade e a natureza, que deve ser honrada e protegida para garantir a harmonia de todos os seres vivos.

A LENDA DO BOI E DA BOLA DE FOGO



A Lenda do Boi e bola de fogo

Meu avô sempre contava uma história assustadora sobre um encontro misterioso que teve com o "Boi", uma figura lendária que assombrava as noites escuras da região. Ele e seu cunhado decidiram ir pescar em um lugar distante, levando consigo seus cães, que os acompanhavam em todas as aventuras. Durante a pescaria, os cães começaram a latir desesperadamente, apontando em direção ao Morro do Facão. A noite estava escura, e um vento muito forte começou a soprar morro abaixo.

Meu avô, sentindo algo estranho no ar, virou-se para o cunhado e disse: "Vamos embora, cunhado! Esse vento não me parece bom. Vai vir pra cá!" Enquanto se preparavam para sair, o vento aumentou de intensidade e ficou mais perto, trazendo consigo um som assustador que parecia um rugido distante. Quando olharam para trás, perceberam que não era apenas o vento; havia uma enorme bola de fogo descendo o morro em alta velocidade.

O medo tomou conta dos dois. Eles reconheceram o fenômeno: era o "Boi", uma bola de fogo mística que, segundo a lenda, perseguia aqueles que cruzavam seu caminho. Meu avô e seu cunhado correram o mais rápido que puderam, tentando chegar à segurança de sua casa, mas a bola de fogo se aproximava cada vez mais, brilhando intensamente e queimando tudo ao redor.

Quando estavam quase chegando em casa, meu avô gritou desesperadamente para sua esposa: "Abre a porta, mulher! Tem uma bola de fogo atrás de nós!" A avó, assustada, abriu a porta rapidamente, e eles entraram às pressas, fechando-a logo em seguida. Do lado de fora, ouviram um sopro de vento fortíssimo e um ruído ensurdecidor. A bola de fogo chegou até a porta, mas, para surpresa de todos, parou ali, girou no ar e subiu rapidamente de volta para o céu, desaparecendo na escuridão.

Quando o vento finalmente cessou, todos saíram para ver o que havia acontecido, mas não restava nenhum sinal da bola de fogo. O céu estava tranquilo e o ar, silencioso. Desde então, a história do "Boi" é contada pela família, lembrando a todos sobre os mistérios e perigos que habitam as noites escuras do campo. A lenda é uma advertência sobre respeitar as forças desconhecidas da natureza e os mistérios que nos cercam.

Nicole Flôr da Silva

A LENDA DO POÇO DA MOÇA



A Lenda do Poço da Moça

Na pacata comunidade de Santa Luzia, há muito tempo, vivia uma jovem conhecida por sua tristeza profunda. Ninguém sabia ao certo o motivo de seu sofrimento, mas era comum vê-la vagando sozinha, sempre com o olhar distante e o semblante melancólico. Um dia, atormentada por seus sentimentos, a moça decidiu caminhar até a beira do rio que cortava a comunidade, buscando um momento de paz e reflexão.

Enquanto observava as águas tranquilas do rio, a jovem, distraída e mergulhada em seus pensamentos, escorregou em uma pedra molhada e caiu nas águas profundas. A correnteza estava forte, e, apesar de lutar para se salvar, a moça foi arrastada e acabou se afogando. Seu corpo foi encontrado dias depois, e a tristeza de sua partida abalou toda a comunidade. O local onde ela morreu passou a ser conhecido como o Poço da Moça, um lugar que carrega até hoje a lembrança de sua trágica história.

Com o passar do tempo, surgiram relatos estranhos vindos de pescadores e moradores que frequentavam o poço. Diziam que, ao anoitecer, uma figura feminina de vestido branco podia ser vista andando pela margem do rio, com o olhar perdido, como se buscasse algo que havia perdido nas águas. Aqueles que se aventuravam a pescar à noite relatavam ouvir sussurros e choros vindos da beira do rio, mesmo quando não havia ninguém por perto. Alguns chegaram a ver a figura da moça sentada nas pedras, com os pés dentro d'água, olhando para o horizonte como se estivesse esperando por algo ou alguém.

A lenda do Poço da Moça logo se espalhou, e os pescadores passaram a evitar o local à noite, temendo encontrar a alma inquieta da jovem. Segundo a crença popular, ela assombra o poço, incapaz de encontrar paz, presa eternamente no lugar onde perdeu sua vida. Dizem que sua presença é mais forte nas noites de lua cheia, quando sua figura aparece nitidamente refletida nas águas, e seu lamento ecoa pela comunidade.

A história serve como um lembrete da tristeza que marcou a vida da moça e do mistério que envolve seu espírito. Os mais antigos da comunidade aconselham que ninguém se aproxime do poço após o anoitecer, para evitar despertar a ira da alma que vaga pelas margens. Assim, a lenda do Poço da Moça continua viva, assombrando as noites da pequena comunidade de Santa Luzia e mantendo viva a memória da jovem que um dia buscou consolo nas águas do rio.

A LENDA DA CURVA DO BURRO



A Lenda da Curva do Burro

Há muitos anos, quando as estradas modernas ainda não existiam, o transporte de cargas na região do Silveirão era feito principalmente por burros. Esses animais eram essenciais para a vida dos moradores, pois carregavam mercadorias, alimentos, e mantimentos através das trilhas íngremes e sinuosas que cortavam a serra. Os caminhos, estreitos e perigosos, eram apenas carreiros cheios de pedras e barrancos, onde apenas os mais experientes conseguiam guiar seus animais com segurança.

Certo dia, um dos moradores do Silveirão estava descendo a serra em direção ao Rio do Meio, conduzindo sua tropa de burros carregados. A viagem era difícil, exigindo muita habilidade e paciência. Ao chegar em uma das curvas mais apertadas e traiçoeiras da trilha, um dos burros, assustado e desorientado, perdeu o rumo e saiu do carreiro. O animal, sem controle, escorregou pelo barranco e caiu, desaparecendo em meio à vegetação densa. O homem tentou salvar o burro, mas nada pôde fazer. O animal não resistiu à queda e morreu ali mesmo, marcando o local com um episódio triste.

Desde aquele dia, a curva onde o acidente ocorreu passou a ser conhecida como a Curva do Burro. O nome ficou gravado na memória dos moradores, que contavam a história como um alerta para os perigos da serra. Os viajantes que passavam por ali sempre tomavam cuidado redobrado ao cruzar a curva, lembrando-se da tragédia que havia ocorrido com o pobre burro. A lenda ganhou força ao longo dos anos, e muitos diziam que, em noites de neblina, podiam ouvir o relinchar do burro ecoando pela serra, como um aviso para que ninguém se descuidasse.

Com o passar do tempo, as histórias sobre a Curva do Burro foram ganhando novos detalhes. Alguns moradores juravam que, ao passar pela curva, sentiam uma presença estranha e viam sombras se movendo entre as árvores, como se o espírito do burro ainda vagasse pela região. Outros diziam que, ao atravessar a curva, os animais se comportavam de forma nervosa e inquieta, recusando-se a seguir em frente, como se pressentissem o perigo que ali residia.

A lenda da Curva do Burro se tornou parte da cultura local, sendo contada de geração em geração como um lembrete dos perigos enfrentados pelos antigos tropeiros que desbravaram as serras. Até hoje, quem passa pela curva sente um arrepio na espinha e lembra-se da história do burro que perdeu o caminho, deixando um aviso silencioso para todos que se aventuram por ali. A Curva do Burro continua sendo um símbolo dos desafios da vida antiga e da conexão entre o homem, a natureza, e seus animais de trabalho.

O MISTÉRIO DAS BOLAS DE FOGO NO MORRO BICUDO



O Mistério das Bolas de Fogo no Morro Bicudo

Há cinquenta anos, em uma pequena comunidade no interior, duas famílias viviam em harmonia. Eram compadres, e os jovens Davi e Ana, filhos dessas famílias, se apaixonaram perdidamente. O amor entre eles era puro, mas também proibido. As famílias, por algum motivo antigo e desconhecido, não permitiam que os dois namorassem. Mesmo com a forte oposição, Davi e Ana continuaram a se encontrar em segredo, na esperança de que um dia pudessem viver seu amor livremente.

Porém, o destino foi cruel. Um dia, ao serem descobertos, Davi e Ana foram duramente castigados por suas famílias. As punições eram severas e desumanas, impedindo os dois de se verem novamente. Eles foram trancados em suas casas, longe um do outro, e proibidos de qualquer contato. Com o passar do tempo, o amor deles não enfraqueceu, mas a tristeza tomou conta de seus corações. Não suportando a separação, ambos adoeceram e, em pouco tempo, faleceram. Dizem que morreram de tristeza, sem conseguir superar a dor de viverem separados.

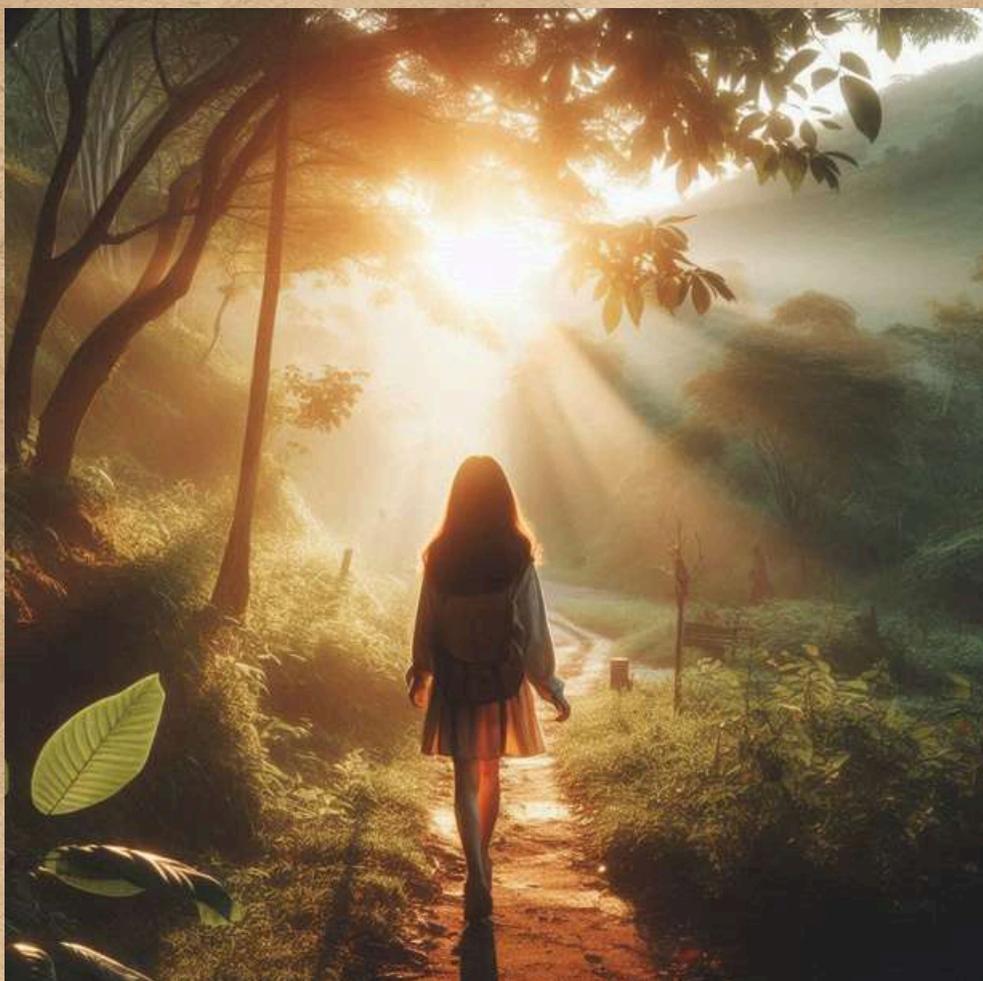
Após a morte de Davi e Ana, estranhos acontecimentos começaram a assombrar o Morro Bicudo. Testemunhas afirmavam que, em noites de lua cheia, duas bolas de fogo surgiam no alto do morro, flutuando e dançando no ar. Essas bolas de fogo eram vistas com frequência, e sempre que apareciam, traziam consigo uma atmosfera sombria e assustadora. Acreditava-se que eram as almas de Davi e Ana, que, castigadas até na morte, vagavam pelo morro como espíritos inquietos.

Essas bolas de fogo não apenas apareciam, mas também atacavam os que se aproximavam demais. Conta-se que elas comiam as unhas e os olhos das pessoas que ousavam subir o morro à noite. Os moradores, tomados pelo medo, evitavam se aproximar daquele lugar, especialmente quando escurecia. As histórias sobre as bolas de fogo eram contadas de geração em geração, e o Morro Bicudo se tornou um lugar amaldiçoado, temido por todos.

A cada noite, as luzes ardentes surgiam como uma lembrança do amor proibido e da injustiça cometida contra os dois jovens. Davi e Ana nunca encontraram paz, e as bolas de fogo continuavam a rondar, castigando a todos que se atrevessem a desafiar o segredo sombrio do morro. Alguns acreditavam que a única maneira de acalmar os espíritos era rezar por eles, pedindo perdão em nome das famílias que os condenaram a um fim trágico.

Até hoje, ninguém sabe ao certo o que acontece no Morro Bicudo quando a noite cai. As bolas de fogo, vistas por poucos e temidas por muitos, permanecem como um símbolo de um amor que desafiou as regras e pagou um preço alto demais. O mistério das bolas de fogo continua a assombrar a comunidade, lembrando a todos que o verdadeiro amor, mesmo proibido, jamais se apaga.

LENDA DA MENINA DA VILA BROCCA



Lenda da menina da Vila Brocca

Era uma vez uma menina que morava com sua irmã e seu marido. Só que o marido começou a agradar e dar presentes para a menina. E pedir para a menina não contar nada para sua irmã mais velha. Até que um dia o homem invadiu o quarto da menina a noite e disse pra menina guardar segredo porque a irmã dela não podia saber que ele visitava a menina à noite. Até que um dia a menina estava grávida desse homem e ele ficou enfurecido e matou a menina, colocando seus restos do corpo todo cortado atrás do pátio de casa. E depois disse a todo mundo que a menina estava indo a praia grande fugindo com namorado, a menina com apenas 15 anos. Após muito tempo depois foi achado os restos do corpo, anos após a sua morte o marido da sua irmã confessou que matou a menina e que ela iria destruir seu casamento ameaçando ele a contar sua irmã mais velha.

Essa história é muito triste, e as crianças e jovens de Mampituba precisam aprender que, quando alguém pede um segredo, é fundamental avisar um responsável de confiança. Se esse responsável não escutar, é importante procurar a escola ou outro familiar.

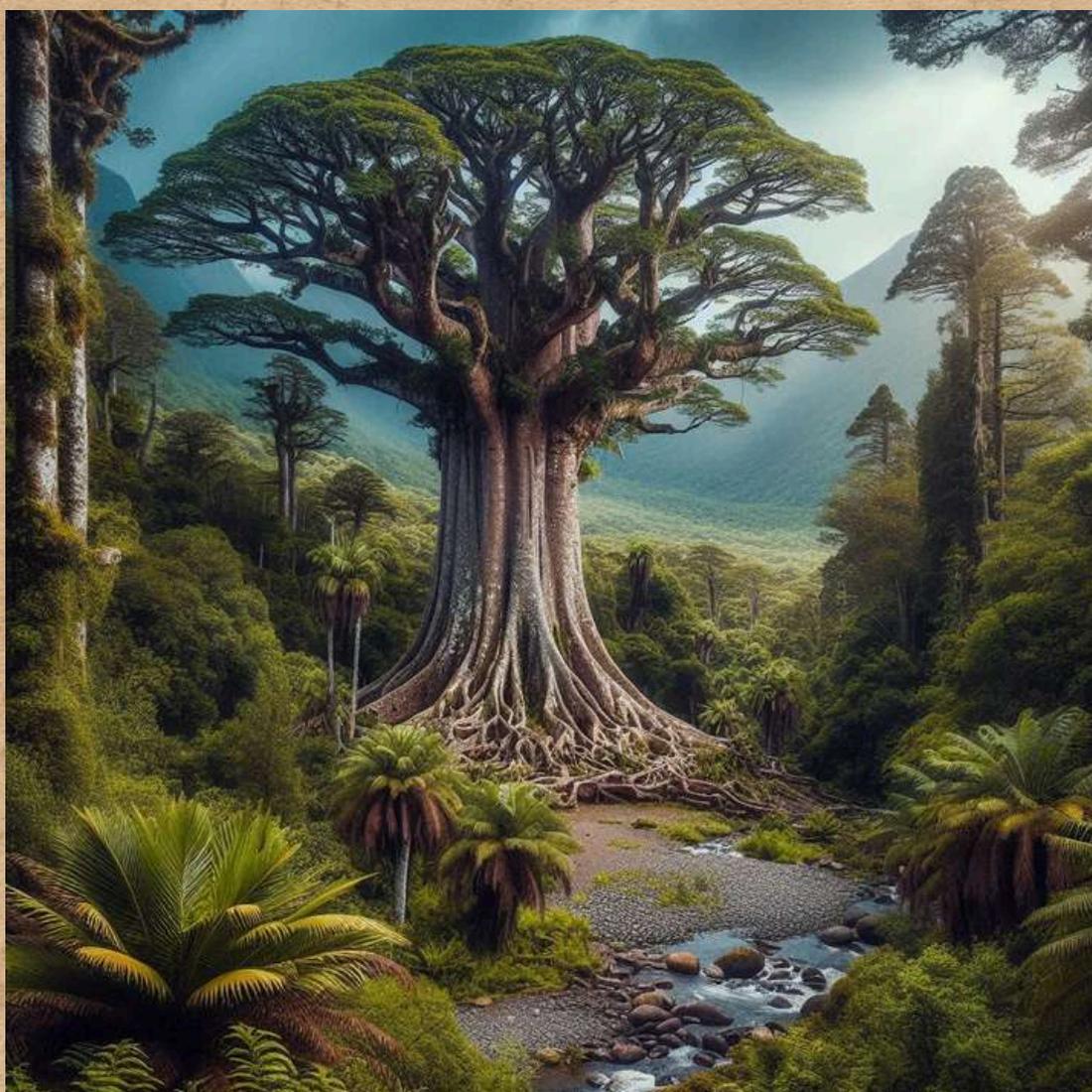
A menina desta história é um exemplo de que não devemos guardar segredos de outras pessoas, pois, se é um segredo, provavelmente algo está errado. A comunicação e a honestidade são essenciais para a proteção e o bem-estar de todos

Emanuelly Roldão Antunes



Capítulo III
Moradores de Mampituba

A LENDA DO ACAMPAMENTO



A Lenda do Acampamento

Era uma vez, em um pequeno vilarejo chamado Cardoso, dois irmãos, Lucas e Pedro, que decidiram acampar na floresta. Era um lugar isolado, longe de tudo, onde as árvores sussurravam histórias antigas. Eles estavam animados e prepararam tudo para passar a noite sob as estrelas. Ao anoitecer, enquanto tentavam acender a fogueira, começaram a ouvir sons estranhos ao redor do acampamento. Era apenas 6 horas da tarde, mas a escuridão parecia se aproximar rapidamente. Lucas, sempre brincalhão, tentou distrair Pedro tocando violão, mas os sons ficaram mais intensos. O que parecia ser apenas o vento logo se transformou em algo mais: pedras rolando e sussurros distantes.

Quando a tensão aumentou, os irmãos decidiram investigar. Com cuidado, foram até a origem dos barulhos. O coração de Pedro batia rápido, mas Lucas, mais corajoso, insistiu que eles precisavam descobrir o que estava acontecendo. Ao se aproximarem, viram uma sombra se movendo entre as árvores. Era uma figura misteriosa, parecendo flutuar, com um olhar penetrante.

Os irmãos congelaram de medo, mas a figura se revelou como um espírito guardião da floresta. Ele contou que estava ali para proteger o lugar de intrusos e que, se eles quisessem permanecer, precisavam respeitar a natureza e suas tradições. O espírito explicou que, há muitos anos, um grupo de pessoas havia desrespeitado a floresta, e por isso ele havia sido convocado para proteger seu lar.

Ao amanhecer, Lucas e Pedro prometeram ao espírito que cuidaram da floresta e nunca mais fariam barulho desrespeitoso. Eles voltaram para casa com uma nova compreensão sobre a natureza e a importância de preservar os mistérios que ela guarda.

Assim, a lenda do Acampamento em Cardoso foi contada por gerações, lembrando a todos que respeitar a natureza é fundamental, e que os segredos da floresta devem ser mantidos com carinho.

Jorge Luis Muller Alves (Guia de Mampituba)

A LENDA DA NOITE TEMPESTUOSA



A Lenda da Noite Tempestuosa

Era uma vez, em uma antiga casa de um caseiro, um grupo de amigos que decidiu passar uma noite juntos. O vento soprava forte e o frio era intenso, mas todos estavam animados para aproveitar a companhia. Entre eles estavam Janice, a esposa de Leandro, e amigos como Jorginho, Rafael e Flávia.

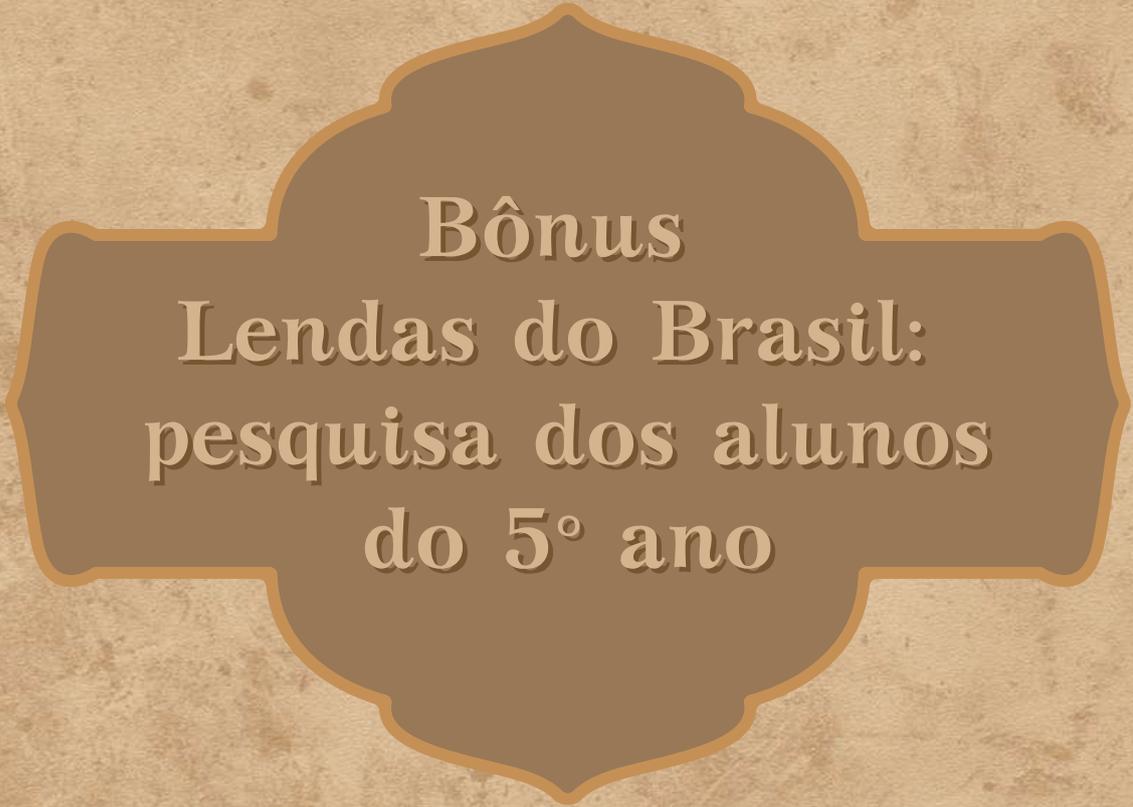
Durante a madrugada, por volta das 3:30 da manhã, um barulho estrondoso os acordou. O vento uivava, e a tempestade parecia se intensificar. O som era tão forte que Leandro, assustado, pensou no avião que havia caído na região anos atrás. A atmosfera estava carregada, e ele teve a estranha sensação de que algo estava tentando se comunicar com eles. Mas, temendo que os amigos não acreditassem, ele decidiu não mencionar nada.

Na manhã seguinte, enquanto tomavam café, o grupo começou a discutir a tempestade e o barulho da noite anterior. Chegaram à conclusão de que se tratava de um ciclone, semelhante ao que havia atingido a região no passado. Apesar de tentarem se convencer, o mistério da noite ainda pairava no ar. Para piorar, não tinha passado nenhum avião naquela noite, aumentando a inquietação.

Uma semana depois, durante uma visita ao morro, Janice puxou conversa sobre a noite tempestuosa. Um amigo mencionou que havia ouvido rumores sobre um piloto chamado Eugênio, da Azul, que também havia sentido algo estranho naquela madrugada. Leandro ficou pensativo, questionando o que realmente aconteceu.

A lenda daquela noite se espalhou entre os amigos, lembrando-os de que, às vezes, o que parece ser apenas uma tempestade pode esconder mistérios profundos. Eles aprenderam que, mesmo em meio ao medo, a comunicação e a partilha de experiências são essenciais, e que algumas histórias precisam ser contadas para não serem esquecidas.

Juninho Nascimento (turismólogo)



Bônus
Lendas do Brasil:
pesquisa dos alunos
do 5º ano



A LENDA DO BOI TATUADO



A Lenda do Boi Tatuado

Na cidade de Xique-Xique, encravada no sertão baiano, a lua cheia trazia mais do que apenas uma noite clara; ela trazia o Boi Tatuado, uma lenda temida por gerações. Há séculos, um fazendeiro cruel tentou marcar seu gado com um ritual aprendido de um pajé esquecido. O primeiro boi marcado desapareceu misteriosamente, levando consigo a sanidade do fazendeiro, que foi encontrado dias depois, vagando pela fazenda e repetindo sem parar: “Ele vai voltar, ele vai voltar!”. Desde então, o Boi Tatuado se tornou uma figura de temor, e o fazendeiro foi tragicamente lembrado como um homem que desafiou forças que não compreendia.

Os anos passaram, mas a lenda do Boi Tatuado permaneceu viva. Em noites de lua cheia, os habitantes de Xique-Xique escutavam um rugido assustador que fazia o chão tremer e os animais silenciarem. Era o Boi Tatuado, vagando pela Caatinga, buscando vingança contra aqueles que ousassem maltratar a terra e os animais. Com sua pele negra coberta de símbolos místicos e seus olhos vermelhos como brasas, ele se tornou um guardião sombrio da natureza, pronto para punir qualquer um que tentasse explorar suas riquezas.

Em uma dessas noites, três homens gananciosos liderados por Tonho Brasa, um fazendeiro sem escrúpulos e sedento por riquezas, decidiram desafiar a lenda. Armados com facões e tochas, avançaram pelas terras de Xique-Xique, determinados a derrubar as árvores centenárias e cavar buracos em busca de ouro. Tonho, cego pela ambição, ignorava os avisos dos mais velhos sobre o Boi Tatuado, acreditando que a história não passava de superstição para assustar covardes.

Enquanto os homens cortavam as primeiras árvores, o vento mudou, trazendo consigo um rugido ameaçador que ecoou pela escuridão. Todos os animais silenciaram, como se temessem algo terrível. O rugido do Boi Tatuado ressoou, profundo e assustador, fazendo o chão vibrar. Tonho Brasa, arrogante, riu da lenda e incitou seus homens a continuar. No entanto, de repente, a lua cheia pareceu se transformar em uma fogueira gigantesca no céu, iluminando o Boi Tatuado, que surgiu entre as sombras. Sua pele reluzia com símbolos ancestrais, e seus olhos vermelhos fixaram-se nos invasores com uma ira antiga.

Apavorados, os homens caíram um por um, vítimas de suas próprias armadilhas. O Boi Tatuado não precisou usar força; seu simples olhar encheu os corações dos gananciosos de pavor. Tonho Brasa, agora sem a altivez que o caracterizava, foi encurralado em uma clareira. Desesperado, caiu de joelhos e suplicou por sua vida, prometendo nunca mais desrespeitar a terra. Mas o Boi Tatuado não mostrou piedade. Com um último rugido, desapareceu na noite, deixando Tonho atordoado e marcado pelo terror que jamais esqueceria.

Na manhã seguinte, os corpos dos homens foram encontrados próximos à vila, cobertos por marcas misteriosas, como se tivessem sido gravadas pela própria terra. As árvores que haviam começado a derrubar estavam intactas, como se nada tivesse acontecido. O povo de Xique-Xique sabia que o Boi Tatuado havia cumprido seu papel de protetor, lembrando a todos que a natureza exige respeito e que as lendas do sertão, embora antigas, carregam lições que nunca devem ser ignoradas.

Juliana da Silva Pacheco

LENDA DO BOI TA TÁ



A Lenda do Boitatá

O Boitatá é uma das lendas mais antigas do folclore brasileiro. O nome "Boitatá" vem do tupi-guarani e significa "cobra de fogo." Segundo a lenda, ele aparece nas noites escuras e chuvosas como uma tocha de fogo que desliza pelo céu e pelos morros, especialmente nas regiões rurais. O Boitatá é descrito como um ser mágico e protetor, que vaga pelo campo para assustar e afastar aqueles que fazem mal à natureza.

Acredita-se que o Boitatá seja o espírito de um antigo animal ou guerreiro que, após a morte, se transformou em uma bola de fogo para proteger a terra e os animais. Suas aparições servem como aviso para que os seres humanos respeitem a natureza e não destruam o meio ambiente. Muitos moradores de áreas rurais afirmam ter visto o Boitatá em ação, iluminando as noites escuras e misteriosas com sua luz intensa.

A lenda do Boitatá continua a ser contada e transmitida entre gerações, servindo como um lembrete da importância de respeitar e cuidar da natureza. Para muitos, avistar o Boitatá é um sinal de que a natureza está viva e vigilante, sempre pronta para proteger o que é seu.

Gustavo dos Santos da Silva

LENDA DA CUCA



A Lenda da Cuca

A Cuca é uma bruxa aterrorizante, conhecida por sua aparência assustadora: ela tem o corpo de jacaré, cabelos amarelos e uma voz horrível que ecoa a quilômetros de distância. Sua lenda faz parte do folclore brasileiro, amedrontando crianças e adultos. A Cuca vive em uma caverna escura, onde passa seus dias preparando feitiços e vigiando a floresta através de um espelho mágico, capaz de mostrar tudo o que está acontecendo ao seu redor.

Diferente das bruxas comuns, a Cuca tem um hábito peculiar: ela dorme apenas uma noite a cada sete anos. Isso a mantém sempre alerta, especialmente em busca de crianças desobedientes e que dormem tarde. Acredita-se que, nas noites em que está acordada, ela sai de sua caverna e ronda as casas, capturando aqueles que não obedecem seus pais ou que se recusam a dormir na hora certa. A presença da Cuca é um aviso para que as crianças sejam comportadas e sigam as regras.

A Cuca se tornou popular principalmente por meio das obras de Monteiro Lobato, onde aparece como um dos principais personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Sua figura ganhou vida na cultura popular, reforçando o medo que muitas crianças têm dela até hoje. Apesar do medo que inspira, a Cuca também ensina uma lição importante sobre obediência e respeito às regras, tornando-se uma das lendas mais conhecidas e marcantes do folclore brasileiro.

Isadora Matos Ramos

HISTÓRIA DO NEGRINHO DO PASTOREIO



A Lenda do Negrinho do Pastoreio

A lenda do Negrinho do Pastoreio é uma das histórias mais emocionantes e tristes do folclore gaúcho, retratando a fé, a injustiça e a esperança. O Negrinho era um menino órfão, sem padrinhos e sem nome, que vivia como escravo nas terras de um estancieiro malvado no sul do Brasil. Sem família para protegê-lo e sujeito aos maus-tratos diários de seu dono, o garoto era chamado apenas de "Negrinho". Apesar de sua vida difícil, o menino mantinha uma fé inabalável na Virgem Maria, a quem considerava sua verdadeira madrinha.

Todos os dias, o Negrinho acendia uma vela e rezava para a Virgem Maria, buscando consolo nas suas orações. Ele acreditava que, mesmo sem ter ninguém ao seu lado, a santa o protegeria nos momentos mais difíceis. Sua devoção era o que o mantinha forte, mesmo diante de tanto sofrimento.

Um dia, o estancieiro, conhecido por sua crueldade, encarregou o Negrinho de cuidar de seus cavalos, tarefa que o menino realizava com dedicação. No entanto, durante uma dessas noites de trabalho, um dos cavalos desapareceu, e o estancieiro, enfurecido com o ocorrido, não teve piedade. Ele culpou o garoto pela perda do animal e, sem ouvir suas explicações, o espancou brutalmente, como era seu costume.

Mas a violência não parou por aí. Como punição, o estancieiro decidiu que o Negrinho deveria morrer. Ele o amarrou sobre um formigueiro, deixando-o para ser devorado pelas formigas, acreditando que o menino jamais escaparia com vida. O Negrinho, já ferido e sem forças, aceitou seu destino com resignação, mas manteve sua fé e continuou a rezar para sua madrinha, a Virgem Maria.

Milagrosamente, na manhã seguinte, o Negrinho foi encontrado vivo e ileso, sem nenhuma marca das formigas. Ao seu lado, estava a Virgem Maria, que o havia resgatado e o acolhia com um olhar de ternura. Os cavalos perdidos também reapareceram, todos juntos e em perfeita ordem, como se guiados por uma força divina. O estancieiro, ao ver o milagre diante de seus olhos, ficou atônito e sem palavras, reconhecendo o poder e a proteção da santa sobre o garoto.

A partir daquele dia, o Negrinho do Pastoreio nunca mais foi visto, e muitos acreditam que ele se tornou um espírito protetor das pessoas que perdem objetos ou animais. Segundo a lenda, aqueles que acendem uma vela e pedem com fé ao Negrinho, encontrarão o que procuram, pois ele, abençoado pela Virgem Maria, jamais deixa de ajudar quem precisa.

A história do Negrinho do Pastoreio nos ensina sobre a força da fé e a importância de acreditar na justiça divina, mesmo quando tudo parece perdido. É uma lenda que nos lembra que, mesmo diante das maiores crueldades, a esperança e a fé podem trazer redenção e paz.

Yuri de Oliveira da Silva

A Lenda do Negrinho do Pastoreio

O Negrinho do Pastoreio é uma lenda de origem afro-brasileira e cristã, que surgiu no Brasil no século XIX e se tornou um símbolo de fé e justiça. A história fala sobre um menino escravizado que sofria nas mãos de um fazendeiro cruel. O Negrinho foi injustamente castigado por perder o gado que cuidava, sendo espancado e deixado para morrer sobre um formigueiro. Mesmo diante do sofrimento, ele manteve a fé e orou com devoção a Nossa Senhora.

Diz a lenda que, ao amanhecer, Nossa Senhora apareceu para o Negrinho e o resgatou, curando suas feridas e devolvendo-lhe o gado perdido. O fazendeiro, arrependido e atemorizado pelo milagre, não teve outra escolha senão reconhecer o erro. A lenda do Negrinho do Pastoreio simboliza a busca pela justiça divina e a proteção dos inocentes, representando a resistência e a esperança de quem sofre injustiças.

A figura do Negrinho é frequentemente lembrada nos pampas do Rio Grande do Sul, onde é comum acender velas para ele em busca de ajuda para encontrar objetos perdidos. Sua história é uma lembrança da importância da fé, da justiça e da compaixão, além de servir como um tributo à resistência dos escravos no Brasil.

Jaison Pacheco Pereira



Daiana Ramos Martins

26 anos

Graduação:

Educação Física Licenciatura

Pós-Graduação:

Educação Inclusiva

Docência no Ensino Superior

Supervisão Educacional

Orientação Educacional

Coordenação Pedagógica

Mestra em Educação

Dedicatória: Este livro é a realização de um sonho, transformando pensamentos em realidade. Cada página reflete a concretização de uma jornada que começou na imaginação e agora ganha vida nas palavras. Dedico esta obra a todos que acreditam na força dos sonhos e na beleza de torná-los reais.

Mãe da princesa Beatriz e filha de Jucimeri e Jorge Nereu.



Nascida em Mampituba, o autora traz à luz as histórias e lendas que moldaram a identidade cultural de nossa região. "O Livro das Lendas de Mampituba" é mais do que uma coletânea de contos; é uma celebração das tradições e mitos que enriquecem a alma de nosso município.

Com profunda admiração pela terra onde cresceu, o autora se dedica a preservar e compartilhar essas narrativas que fazem parte do tesouro cultural de Mampituba. Esta obra é uma homenagem à imaginação dos moradores e à sabedoria transmitida de geração em geração.

Esperamos que ao folhear essas páginas, o leitor sinta o mesmo orgulho e conexão com nossa história que motivaram a criação deste livro. Que as lendas aqui contadas continuem a inspirar e encantar, lembrando-nos sempre da riqueza cultural que possuímos.

Com grande satisfação e um coração cheio de gratidão, compartilho estas histórias com vocês, meus conterrâneos, na esperança de que elas fortaleçam nossos laços e perpetuem nossa herança.



ISBN: 978-65-01-23802-9

CSL



9 786501 238029